



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS – III  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA DA SILVA**

**UMA LEITURA DO CONTO “CIVILIZAÇÃO” DE EÇA DE QUEIRÓS**

Guarabira/PB  
2017

**JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA DA SILVA**

**UMA LEITURA DO CONTO “CIVILIZAÇÃO” DE EÇA DE QUEIRÓS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Neni de Freitas

Guarabira/PB  
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

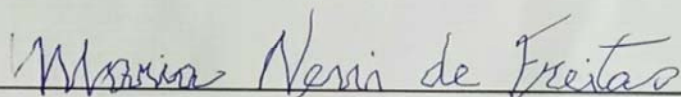
S586i Silva, Jose Carlos de Oliveria da.  
Uma leitura do conto "civilização de Eça de Queirós  
[manuscrito] : / Jose Carlos de Oliveria da Silva. - 2017  
18 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2017.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria Neni de Freitas,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Conto. 2. Realismo. 3. Literatura Portuguesa.  
21. ed. CDD P869.3

JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA DA SILVA

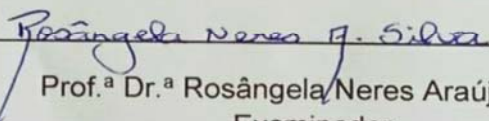
UMA LEITURA DO CONTO "CIVILIZAÇÃO" DE EÇA DE QUEIRÓS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

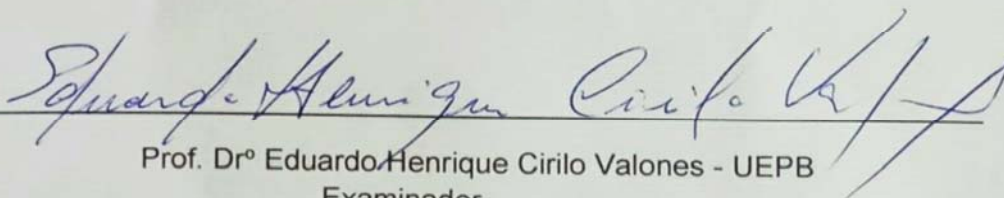
Aprovada em 01 de dezembro de 2017



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Neni de Freitas - UEPB  
Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Neres Araújo da Silva - UEPB  
Examinador



Prof. Dr.<sup>o</sup> Eduardo Henrique Cirilo Valones - UEPB  
Examinador

Dedico este trabalho:  
aos meus pais, Cícero Braz e Maria Gorette;  
as minhas irmãs; Rosângela e Hérica;  
a minha avô, Rosa de Oliveira e  
a minha namorada, Rozilma

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade de estar concluindo uma fase que foi um desafio pessoal que, sem dúvidas, me reconstruíram espiritual e fisicamente, também por não ter permitido que eu desistisse em meio a tantas diversidades, sempre me reerguendo e mostrando que o sucesso só chega depois de muitas batalhas.

Aos meus Pais, que, apesar da falta de estudo, sempre me estimularam a prosseguir, e que acreditaram em mim quando eu mesmo não acreditava mais. Por toda paciência, carinho, afeto e principalmente fortaleza, muito obrigado!

As minhas irmãs, que mesmo distantes sempre estiveram presentes em minha vida, dando apoio e depositando toda confiança e esperança em minha capacidade.

Aos Professores da UEPB, que sempre enxergaram minhas dificuldades e limitações, mas, mesmo assim buscavam e elevavam ao nível dos outros alunos, acreditando em meu potencial.

Em especial, a minha orientadora Prof. Dr. Maria Neni e o Prof. Dr. Valones, que, com simplicidade, me repassaram inúmeros conhecimentos e me ensinaram o valor da docência, mostrando sempre que o professor deve manter vínculo de amizade com seus alunos. Ao Prof. Ms. Rafael, que me fez enxergar o valor de uma boa escrita.

Aos meus companheiros de viagem que suportavam meus estresses em períodos de seminários e provas, por todas as conversas e conhecimentos compartilhados, muito obrigado!

Sem dúvidas, esses cinco anos de curso me renasceram e mostraram que apesar das dificuldades, em especial, a minha fala é possível vencer e lutar pelos seus sonhos!

## UMA LEITURA DO CONTO “CIVILIZAÇÃO” DE EÇA DE QUEIRÓS

SILVA, José Carlos de Oliveira da.<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo uma leitura do conto *Civilização* de Eça de Queirós, que tem como protagonista Jacinto. É possível perceber que o escritor utiliza os títulos dos livros da biblioteca como estratégia que vai delineando a mudança ideológica de seu personagem. Neste artigo, abordamos elementos caracterizadores do Realismo português, bem como da sociedade portuguesa da época em que esse período eclode. Procuramos mostrar o processo de criação literária de Eça de Queirós, mediante a análise do conto *Civilização*, pois este escritor é considerado como um dos maiores expoentes do movimento realista em Portugal. Utilizamos como suporte teórico as contribuições de, Moisés (1984), Abdala Júnior e Paschoalin (1982), Osakabe (2002), Gotilib (2006), Silva (2009) entre outros.

**Palavras-chave:** Conto; Realismo; Literatura Portuguesa.

---

1. Graduando em Letras, pela Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da professora Dra. Maria Neni de Freitas. E-mail:

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 O MOVIMENTO REALISTA EM PORTUGUAL.....	6
3 EÇA DE QUEIRÓS E A PROPOSTA REALISTA.....	8
4 CIVILIZAÇÃO: CIDADE X CAMPO.....	10
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS.....	16



## 1 INTRODUÇÃO

Situada como uma das linhas de frente do Realismo português, a importante produção literária de Eça de Queirós oferece uma valiosa contribuição a cultura e a literatura de língua portuguesa. Tal condição representa um ponto pacífico entre os críticos, já que é notório o valor literário de Eça na construção das bases ideológicas e estéticas da segunda metade do século XIX, em Portugal. Os seus romances sempre são citados, quando é necessário exemplificar as características do Realismo Português, tais como o desmascaramento dos vícios burgueses, o adultério, o anticlericalismo, ou a hipocrisia da sociedade, enfim, as falhas morais do homem português daquela época.

Romances como *O crime do Padre Amaro*, *O primo Basílio* e *Os Maias* que mostram a burguesia lusitana, vista também como metonímia da humanidade; são narrativas nas quais o autor tece críticas contra a sociedade através da fragilidade de suas instituições basilares como a igreja, o casamento e a família. Todavia, ao longo do seu desenvolvimento, a obra do autor vai adquirindo novos contornos, que, por vezes, se distanciam dos objetivos centrais dessas primeiras narrativas, ainda que sem os abandonar totalmente.

A trajetória de suas obras posteriores vai se multifacetando e ganhando feições diferenciadas que apontam para uma transformação, sobretudo da matéria-prima utilizada como fonte pelo escritor. Se em seus primeiros romances o autor focalizava primordialmente o Portugal contemporâneo, num constante propósito de mostrar o realismo propagado nas Conferências do Cassino, nas obras seguintes há um alargamento desse olhar, a fim de buscar outras matérias, ainda que apontem para a análise mais profunda do seu tempo, análise que, atenta para o diagnóstico da dinâmica social.

É nesse período de amadurecimento cultural, que surgem os contos que tomamos como objeto de estudo. O livro *Contos* veio a público em 1902, em uma publicação póstuma organizada por Luiz de Magalhães. O conjunto de contos expõe mudanças de procedimentos narrativos que se vão apresentando na obra do autor, bem como, deixando de criticar o clero e escrevendo até milagres de santos.

O presente trabalho propõe analisar o conto “Civilização”, situado nesse horizonte descrito por Reis (2000) como o último de Eça. “Civilização”, conto publicado no jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 1892, apresenta uma espécie de projeto condensado do romance *A cidade e as serras*, publicado em 1901, escrito por Eça de Queirós em 1900. Dividido em cinco partes, o conto tem por protagonista Jacinto, um jovem burguês que vive num palácio em Lisboa.

## 2 O MOVIMENTO REALISTA EM PORTUGAL

O chamado movimento literário realista teve início em Portugal com a Questão Coimbrã, em 1865, entrando em franca decadência por volta de 1890, vindo a findar didaticamente em 1900, sobretudo com a morte de seu expoente maior: Eça de Queirós. Sem dúvida, o realismo português alcançou seu momento de esplendor com a criação da conhecida Geração de 70, composta por Eça de Queirós, Antero de Quental, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Manuel de Arriaga, Oliveira Martins, influenciados diretamente por Victor Hugo, Heine e Michelet, escritores europeus, preocupados com os aspectos sociais vividos pelos povos oprimidos.

O grupo de escritores e intelectuais que idealizou a Geração de 70 mostrava-se completamente influenciado pelo cientificismo proveniente, sobretudo, de França, como o Positivismo, de Comte; o Determinismo, de Taine; o Evolucionismo, proposto por Darwin; o anticlericalismo, de Renan; bem como o não menos importante Socialismo Reformista, de Proudhon. Com base no cunho cientificista, portanto, vem à tona a Questão Coimbrã, polêmica literária acirrada, ocorrida no biênio 1865/1866, tornada pública através de folhetins e artigos em jornais, em que Antonio Feliciano de Castilho censurou, sem medir palavras, os novos temas e estilo proposto pelos jovens idealizadores do Movimento Coimbrã, ridicularizando, sobretudo, Antero de Quental, Teófilo Braga e Vieira de Castro. Em resposta às críticas, Quental, com os textos *Bom Senso e Bom Gosto* e *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais*, datados de 1865, expõe uma prévia dos ideais propostos pelos expoentes da nova escola em território português.

No ano seguinte, Teófilo Braga dá sua contribuição ao movimento, ao publicar o texto *Teocracias Literárias*, no qual ratifica o pensamento de Quental, opositor ao já decadente e desgastado movimento romântico português. Estava a partir de então definida, com a Questão Coimbrã, uma crise de cultura vivenciada em Portugal, que seria considerada o elemento principal para o surgir o ideal realista em território lusitano. Porém, em 1868 formavam o grupo *Cenáculo* escritores e intelectuais da primeira linha cultural portuguesa contemporânea ao movimento realista: Eça de Queirós, Antero de Quental, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Salomão Sáraga, Santos Valente, Mariano Machado de Faria e Maia, José Eduardo Lobo da Costa, dentre outros nomes.

Em tais reuniões boêmias viriam a serem idealizadas as *Conferências do Cassino*, como pode ser observado a seguir:

“Em 1871, os rapazes do Cenáculo resolvem organizar uma série de conferências públicas como fito de pôr em discussão franca os problemas e as questões de ordem ideológica que então interessavam a gente culta da Europa e da América do Norte. Para tanto, alugam o Cassino Lisbonense, uma espécie de café-concerto onde se reúne a boêmia áurea do tempo para ouvir o *can-can* e ouvir canções picantes. (Moisés, 1984, p.196)”

Antero de Quental fez com que o grupo passasse a ter uma sistematização em suas leituras e produções literárias, definindo os verdadeiros interesses e determinando uma finalidade construtiva para o *Cenáculo*. Assim, Antero assume a posição de mentor do grupo.

As Conferências Lisbonenses apresentavam ao público uma série de objetivos, extremamente ambiciosos para a época sócio-política vivenciada pelo povo português. O programa que anunciava as Conferências Lisbonenses trazia à tona, de forma bastante clara, alguns objetivos traçados pelo Cenáculo, que, por sua vez, norteava-se pelo ideal realista europeu, tomando-se por base o cientificismo, a fim de determinar mudanças bruscas na sociedade portuguesa.

O que previa aquele que se tornaria o maior nome da literatura realista em Portugal era exatamente o surgimento de uma nova arte, que retratasse com fidedignidade o povo português e todas as relações de opressão vividas por esse povo, na sua incansável busca de sobrevivência. Dessa forma, a conferência de Eça de Queirós fundamentada na arte realista como processo de fotografar completamente o verdadeiro, o real.

“Apoiando-se nas ideias de Proudhon, prega a revolução que se vinha operando na política, na ciência e na vida social. Para tanto, havia que considerar a literatura um produto social, condicionado a determinismos rígidos (Moisés, 1984, p. 198).”

Havia, portanto, a partir da oficialização do Realismo como processo artístico-literário em Portugal, a necessidade de todos os representantes da nova estética, lançarem aos seus leitores a corrupção nos sistemas portugueses, a decadência do próprio país, se comparado a outros países europeus. Decadência esta que se acentuava desde o período das grandes navegações, bem como a vergonhosa relação clerical em território lusitano, com todo o seu dogmatismo e a falta de vergonha escancarada entre as quatro paredes mestras das simples igrejas ou dentro das belíssimas e suntuosas catedrais.

Tais necessidades pré-determinadas pela estética realista portuguesa, fizeram com que Eça se transformasse, ao longo do processo de criação literária proposto pela tendência em questão, no maior expoente deste movimento em território português. Assim, “são modos peculiares de uma época da história. E modos peculiares de um autor, que, deste e não de outro modo, organiza a sua estória, como organiza outras, de outros modos, de outros gêneros”. (GOTLIB, 2006, p. 82) Da mesma forma, acredita-se que tenham sido tais normatizações realistas que determinaram a evolução temática queirosiana e, por conseguinte, toda a sua produção, a posteriori, distribuída em fases distintas.

### 3 EÇA DE QUEIRÓS E A PROPOSTA REALISTA

O período realista em Portugal, apresenta Eça de Queirós como expoente de maior expressividade, norteado, sobretudo, pelas propostas científicas de Comte e Taine – positivismo e determinismo – acopladas à influência que o autor sofre de Heine, Michelet e Victor Hugo, que determinam, numa primeira fase queirosiana, a criação de textos ligados ao modelo romântico de crítica social. A primeira fase da carreira de Eça de Queirós principia com artigos e crônicas publicados entre 1866 e 1867 na *Gazeta de Portugal* e postumamente reunidos no volume intitulado *Prosas Bárbaras*, culminando com a publicação do primeiro romance queirosiano de cunho totalmente realista-naturalista: *O Crime do Padre Amaro*, datado de 1875.

Cansado de gritar contra um sistema que permaneceria corrupto e falido, fosse em relação aos aspectos sócio-políticos, desestrutura familiar ou ruptura dos dogmas religiosos e morais, quando das críticas ao clero português, Eça adentra a uma fase na qual analisa suas personagens com otimismo, voltando-se para o lado bom da humanidade. A bem da verdade, o autor descreve personagens em profunda mutação, ou seja, seres humanos que se afastam do capitalismo opressor das grandes cidades para encontrarem a felicidade plena e verdadeira nas quintas. Com este modelo de processo de criação literária e, por que não dizer, de modo diferenciado de observar a vida em Portugal, Eça apresenta ao público leitor *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), *A Ilustre Casa de Ramires* (1900) e *A Cidade e as Serras* (1901), publicada postumamente.

“A situação social já não é tão determinante da ação das personagens, como ocorria na fase anterior. As relações entre as personagens e a realidade são simplificadas, e as soluções dos conflitos dependem mais de seus aspectos subjetivos do que da situação social (Abdala Jr., 1982: 113).”

O que sugere, nesse novo cenário, uma literatura que rompe com os paradigmas impostos pela sociedade moderna. Capaz de revelar uma realidade frágil, por meio dos personagens, ao ponto de redescobrirem o prazer pela vida a partir da simplicidade encontrada no campo o que antes somente parecia possível de realizar-se na cidade em meio à tecnologia.

Na trama do conto *Civilização*, no qual encontramos um Eça de Queirós propondo uma solução reacionária para Portugal, a partir do momento em que faz o elogio da ruralidade, do atraso português diante da realidade dos países mais desenvolvidos europeus. Dessa forma, pode ser encontrada, no decorrer da narrativa, uma questão extremamente atual: a sátira ao culto da tecnologia e do maquinismo. A narrativa representa uma volta às raízes sociais, determinando um reformismo de ordem intelectual de forma amainada. O grande empreendedor capitalista volta-se para o campo. Tal pensamento

considera-se como o mais plausível, levando-se em consideração o fato de que Jacinto aplica parte de sua riqueza em maquinário e melhorias em sua propriedade rural.

Diferentemente das demais produções literárias queirosianas, em que o autor critica as instituições sociais, não só no conto *Civilização*, assim como em *A Cidade e as Serras*, mas em toda e qualquer produção de sua última fase, encontramos um Eça, contrário à corrupção, ao desrespeito governamental, à decadência portuguesa e à estagnação de um processo cultural, cede lugar a outro Eça otimista em relação às personagens humanas por ele criadas, passíveis de mudanças ideológicas. Aqui, nota-se que as mudanças ideológicas existentes no âmago de suas personagens correspondem às mutações sofridas pelo próprio autor já cansado de lutar contra um sistema falido e corrupto. Nesse sentido, a produção escrita de Eça torna-se um quadro revelador do pensamento e das convicções assumidas por ele, visto que “a narratividade encontra-se intimamente correlacionada com o conhecimento que o homem possui e elabora sobre a realidade.” (SILVA, 2009, p. 597).

#### 4 CIVILIZAÇÃO: CIDADE X CAMPO

No conto *Civilização*, o comportamento de Jacinto parece carrear consigo o estado de espírito melancólico do final do século XIX. Tal estado de espírito é representado no texto pelas preferências das leituras do protagonista, tanto Salomão, personagem bíblico, quanto Schopenhauer, filósofo alemão, são portadores do pessimismo experimentado pelo Príncipe da Grã-ventura. Dessa forma, “Civilização” põe em cena a crise dos ideais positivistas de ordem e progresso que, tendo vicejado ao longo do século XIX, já demonstravam, em seu final, sinais de fragilidade e indícios da própria falência.

Todavia, o pessimismo da personagem será superado ao longo do conto, numa indicação de que o posicionamento ideológico de Eça é contrário ao niilismo e, no plano estético, à decadência do fim do século adotado por muitos autores. O Decadentismo representava uma atmosfera artística marcada pelo pessimismo, atmosfera nomeada por Eça de “nevoeiro místico”, que trazia como principais mentores filosóficos Arthur Schopenhauer (1788-1860) e Friedrich Nietzsche (1844-1900).

A personalidade Jacinto, no início do conto alude ao Decadentismo. Através da trajetória desse personagem, Eça responde a um conjunto de aspectos relevantes e que davam o tom predominante na cultura da época, a saber: Niilismo, na filosofia e Decadentismo, na estética, e Cientificismo, na epistemologia. Ao longo do enredo, o autor apontará uma saída para a crise gerada por essa atmosfera cultural. A pergunta, feita pelo narrador, mostra sua dificuldade em compreender o desconforto de Jacinto e a sua inclinação para o pessimismo:

“E, todavia, desde os vinte e oito anos, Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do Ecclesiastes, de outros pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, bocejava, com um bocejo cavo e lento, passando os dedos finos sobre as faces, como se nelas só palpasse palidez e ruína. Por quê? (EÇA DE QUEIRÓS, 2006, p. 205).”

O conto prossegue na busca dessa compreensão. O pessimismo da personagem será superado ao longo do conto, numa indicação de que o posicionamento ideológico de Eça vai contra o niilismo e o decadentismo finissecular adotado por muitos autores, no plano estético. Após a descrição minuciosa da casa, palácio que guardava “tudo quanto” a modernidade vigente permitisse, adentramos em um dos espaços primordiais para o desenvolvimento do conto: a biblioteca de Jacinto.

“E era então que ele se refugiava intensamente na leitura de Schopenhauer e do Ecclesiastes. Por quê? Sem dúvida porque ambos esses pessimistas o confirmavam nas conclusões que ele tirava de uma experiência paciente e rigorosa: “que tudo é vaidade ou dor, que, quanto mais se sabe, mais se pena e que ter sido rei de Jerusalém e obtido os gozos todos na vida só leva a maior amargura...” Mas por que rolara assim a tão escura desilusão? O velho escudeiro Grilo pretendia que “Sua Ex.<sup>a</sup> sofria de fartura”! (EÇA DE QUEIRÓS, 2006, p. 206)”.

Através de sua apresentação, o autor faz uma espécie de levantamento do enciclopédico conhecimento humano acumulado nas estantes do Jasmineiro: “Vinte e cinco mil volumes, instalados em ébano, magnificamente revestidos de marroquim escarlate”. Na descrição da biblioteca, o narrador lança mão de recursos que fazem vislumbrar o ponto nevrálgico do texto de Eça: a sua ironia contra a ideia de que o avanço da civilização, apenas pelo seu acúmulo de conhecimento e de avanço tecnológico, seja capaz de garantir felicidade. Uma vez desmentida, essa crença gerou o pessimismo decadente contra o qual Eça se insurge: “Assim se achava abastecido o meu amigo Jacinto de todas as obras essenciais da inteligência-e mesmo da estupidez”.

Em determinado ponto da narrativa, Jacinto e Zé Fernandes empreendem uma viagem à Torges, viagem que marcará a transformação do protagonista. Pois Jacinto passa a questionar sua felicidade baseada na civilização e encaixa-se numa nova vida construída num espaço de intersecção entre a cidade e o campo, pautada pelo equilíbrio entre os elementos essenciais desses dois espaços. A partir dessa temporada no campo, que acabará sendo a morada definitiva de Jacinto, o escritor expõe simbolicamente seu projeto para uma nova sociedade portuguesa.

“Quatro anos vão passados. Jacinto ainda habita Torges. As paredes do seu solar continuam bem caiadas, mas nuas. De Inverno enverga um gabão de briche e acende um braseiro. Para chamar o Grilo ou a moça, bate as mãos, como fazia Catão. Com os seus deliciosos vagares, já leu a *Ilíada*.

Não faz a barba. Nos caminhos silvestres, pára e fala com as crianças. Todos os casais da serra o bendizem. Oiço que vai casar com uma forte, sã e bela rapariga de Guiães. Decerto crescerá ali uma tribo, que será grata ao Senhor! (EÇA DE QUEIRÓS, 2006, p. 212)".

No conto de Eça de Queirós, Jacinto somente consegue aquietar a sua afetividade quando ele desvia o seu olhar sobre a cidade e as suas inerentes realizações técnicas, em prol do aconchego da vida campestre. Mas, a fuga do meio urbano liberta Jacinto das patologias nervosas típicas dos grandes centros urbanos. O ato de se livrar das vertigens ilusórias da efervescência dos apelos da cidade torna o homem mais saudável, pois que ele fortalece a sua própria estrutura fisiológica de assimilação das experiências cotidianas. Inclusive, esse distanciamento da mundanidade da vida citadina retira do seu âmago o sentimento pessimista em relação aos caracteres da vida prosaica.

"Eu escutava, assombrado, este Jacinto novíssimo. Era verdadeiramente uma ressurreição no magnífico estilo de Lázaro. Ao surge et ambula que lhe tinham sussurado as águas e os bosques de Torges, ele erguia-se do fundo da cova do Pessimismo, desembaraçava-se das suas casacas de Poole, et ambulabat, e começava a ser ditoso. (EÇA DE QUEIRÓS, 2006, p. 212)".

Essa circunstância justifica o fato de Jacinto abandonar abruptamente a leitura das obras de Schopenhauer, filósofo que, na profundidade de sua visão de mundo, se caracterizara por criticar o apego humano ao ilusório estado de progresso, considerando tudo isso como uma grande bobagem criada pela mente vazia do homem moderno.

Enquanto Jacinto vivia na ruidosa cidade, tal perspectiva se mostrava pertinente de ser vivenciada; contudo, ao resolver abandonar os apelos sedutores da civilização, esse sistema filosófico poderia ser descartado, pois a idealizada vida no campo não valoriza a posse de bens, mas a felicidade íntima decorrente do apaziguamento do ânimo pela inserção metabólica do homem no ciclo da natureza. Daí a justificativa para a filosofia de Schopenhauer ser deixada de lado Jacinto, abrindo as portas para a integração do protagonista com o ar renovador do campo:

"Jacinto já não corcovava. Sobre a sua arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhava um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilizava soberbamente (EÇA DE QUEIRÓS, 2006, p. 205)".

Podemos considerar a agitação urbana como motivadora por excelência da decadência psicofisiológica do homem moderno. O que se confirma no conto *Civilização* a partir da mudança que ocorre no personagem Jacinto logo após o seu deslocamento da cidade para o campo, onde se depara com uma realidade oposta a que era acostumado a viver, mas que mesmo assim o torna melhor.

“Na natureza nunca eu descobriria um contorno feio ou repetido! Nunca duas folhas de hera, que, na verdura ou recorte, se assemelhassem! Na cidade, pelo contrário, cada casa repete servilmente a outra casa; todas as faces reproduzem a mesma indiferença e a mesma inquietação; as ideias têm todas o mesmo valor, o mesmo cunho, a mesma forma, como as libras; e até o que há de mais pessoal e íntimo, a ilusão, é em todos idêntica, e todos respiram, e todos se perdem nela como no mesmo nevoeiro... A mesmice – eis o horror das cidades (EÇA DE QUEIRÓS, 2006, p. 211)”.

Esta é uma grande crítica à cidade, pois o narrador mostra que a vida feliz está totalmente desarraigada da vida moderna, e que só seria possível viver feliz consigo mesmo e com o mundo, se cada um vivesse longe da civilização. Viver como agora vive Jacinto: “na varanda, em Torges, sem fonógrafo e sem telefone, reentrado na simplicidade” vendo, sob a tarde calma “a boiada recolher-se entre o canto dos boieiros ao tremeluzir da primeira estrela”.

A ideia do progresso e da tecnologia se tornara para ele uma grande ilusão, pois que toda a parafernália criada pelo engenho humano não era capaz de lhe garantir a beatífica paz de espírito, a felicidade plena. Podemos ver, em diversos momentos da narrativa, manifestações de seu enfado diante das últimas novidades tecnológicas, o que demonstra a sua constante incapacidade de se saciar diante dos frutos do progresso humano nas ciências. O acesso aos benefícios da tecnologia não são, necessariamente, recursos capazes de proporcionar felicidade ao civilizado homem moderno, pois não raro acabam motivando justamente o efeito contrário daquele projetado, da manifestação de estados de tédio.

O tédio existencial decorre justamente dessa incapacidade do homem civilizado se satisfazer com os benefícios técnicos que se encontram a sua disposição, de maneira que ele pretende sempre experimentar novos estímulos, cada vez mais fortes e intensos, para que possa de alguma maneira obter a saciedade dos seus apetites. Todavia, esta nunca é alcançada, uma vez que na medida em que o homem moderno usufrui avidamente de um dado benefício, ele muito rapidamente descarta o mesmo, em vista da posse e do uso de outro recurso técnico. Esse processo tende a perdurar pela vida do homem apegado ao mundo dos bens materiais até o momento em que este se dá conta de que o próprio apego ao maravilhoso mundo do progresso técnico é uma grande ilusão, pois não concede ao ser humano a sua auto-realização como pessoa, capaz de compreender o seu próprio potencial criativo.

Como possibilidade de se libertar do sufocante jugo da tecnologia e da vida moderna, resta a possibilidade do retorno ao modelo de vida no qual o homem pode se reencontrar a si mesmo, através do contato imediato com a natureza. Trata-se do retorno do homem civilizado ao espaço da vida bucólica, através da afirmação da beleza da vida campestre, caracterizada pela sua negação do tipo de tempo cronológico marcado pela



constante agitação e tensão psíquica, tal como existente no núcleo urbano da cidade, na qual temos que cumprir metas estabelecidas, concorrer pela predominância de nosso ponto de vista sobre a classe circundante de homens, para que possamos assim obter a hegemonia sobre os demais.

No conto de Eça de Queiroz, Jacinto somente consegue aquietar a sua afetividade quando ele desfocaliza o seu olhar sobre a cidade e as suas inerentes realizações técnicas, em prol do aconchego da vida campestre. Mas, a fuga do meio urbano liberta Jacinto das patologias nervosas típicas dos grandes centros urbanos, marcados pela citada atribulação dos seus elementos constituintes. O ato de se livrar das vertigens ilusórias da efervescência dos apelos da cidade torna o homem mais saudável, pois que ele fortalece a sua própria estrutura fisiológica de assimilação das experiências cotidianas. Inclusive, esse distanciamento da mundanidade da vida citadina retira do seu âmago o sentimento pessimista em relação à vida.

A percepção do homem bucólico acerca do tempo se caracteriza justamente pela ausência de estados de tensão na sua percepção da natureza e da vida cotidiana, quietude essa que não deve jamais ser considerada como uma mera passividade de caráter, mas sim como uma atitude do mais intenso vigor, pois que demonstra o alheamento do homem campestre das fantasias proporcionadas pela vida urbana.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto Civilização é um importante discurso contrário ao poderoso efeito sedutor proporcionado pelo advento do progresso tecnológico vigente ao longo do Oitocentismo na mentalidade da civilização ocidental. Enquanto toda uma cultura afirmava o valor absoluto da atividade científica como elemento regenerador da humanidade, Eça de Queiroz toma partido de uma posição diametralmente oposta, enfatizando a tese de que os avanços da tecnologia somente são adequados ao nosso existir quando utilizados para o benefício mútuo do homem, sem que, entretanto, não deixemos de lado o valor da natureza, cuja atmosfera não fora contaminada pelo processo de agitação da sociedade urbana.

A crença no progresso da tecnologia como força capaz de fazer avançar o nível de desenvolvimento da civilização humana, revelou-se uma grande utopia da parte dos seus idealizadores, pois o conjunto dessas inovações apenas serviu para potencializar a dominação de alguns povos ditos civilizados sobre outros povos, ditos inferiores.

Trata-se de uma grande contradição, pois como que o estado de progresso, considerado o redentor da condição humana, pode se valer da opressão sobre outros povos? Esse estado de progresso faz com que o detentor do aparato técnico pretenda cada vez mais obter vantagens materiais, o que gera os anteriormente citados estados de grande

tensão, pois a busca pelo acréscimo de tecnologia não se encerra jamais, e se torna ainda mais forte quando esse processo de aquisição dos bens científicos são movidos pelo egoísta desejo de oprimir. Da mesma maneira como Eça de Queirós demonstra através do exemplo de Jacinto, uma possibilidade do homem civilizado se libertar desse jugo, encontra-se na sua feliz integração com a natureza, que conseguimos agir sem as máscaras impostas pela hipócrita vida social do meio urbano.

No grande jogo entre o valor da cidade e o valor do campo, este último, apesar de menosprezado pela turbulenta consciência do homem moderno, acaba obtendo a vitória final, pois que a exaustão das nossas forças somente é solução quando podemos desfrutar da pureza da vida bucólica, cuja atmosfera nos sugere a autêntica liberdade de espírito, tão cara ao dito homem civilizado.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982.

ABDALA JUNIOR, Benjamim, CAMPEDELL, Samira Youssef. *Tempos de literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1985.

BRAIT, Beth. A personagem. – São Paulo: Ática, 2006, 95. P. (-Princípios; 3).

COMTE, Auguste. *Curso de Filosofia Positiva*. In: Vol. Auguste Comte (Os Pensadores) Trad. de José Arthur Giannotti. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

GOTILIB, Nádya Battella. *Teoria do conto*. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

OSAKABE, Haqira. *Fernando Pessoa – resposta à decadência*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

QUEIRÓS, Eça. *Civilização e outros contos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. -8ª ed. 2009.